

CAPÍTULO 2



Maria

N o passado, quando trabalhara no gabinete do promotor de justiça do condado de Mecklenburg, Maria Sanchez estivera no tribunal com muitos criminosos, alguns dos quais tinham sido acusados de crimes tão violentos que não a deixavam dormir à noite. Tivera pesadelos com vários casos e fora ameaçada por um sociopata, mas a verdade é que nunca se sentira tão assustada como agora nesta estrada deserta, quando *aquele* carro, conduzido por *aquele* tipo, parou de repente na berma.

Não importava que tivesse vinte e oito anos, ou que se tivesse licenciado com louvores na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, ou que tivesse estudado Direito na Universidade de Duke. Não importava que tivesse sido uma estrela em ascensão no gabinete do promotor de justiça antes de arranjar outro emprego numa das melhores firmas de advogados de Wilmington, ou que até àquele momento sempre tivesse conseguido dominar muito bem as suas emoções. No instante em que ele saiu do carro, todas aquelas verdades desapareceram e a única coisa em que conseguia pensar era no facto de ser uma mulher completamente sozinha no meio do nada. Quando ele começou a aproximar-se, o pânico tomou conta de Maria. *Vou morrer aqui*, percebeu de repente, *e ninguém vai encontrar o meu corpo*.

Momentos antes, quando o carro passara devagar pelo seu, vira-o a olhá-la – quase um olhar lúbrico, como se estivesse a avaliá-la – e o seu primeiro pensamento fora que ele estava a usar uma máscara, uma coisa bastante aterradora, mas muito menos assustadora do que a súbita percepção de que vira o seu *rosto*. Viu ferimentos dos dois lados; um olho estava tão inchado que não abria e o outro estava vermelho e ensanguentado. Tinha quase a certeza de que lhe escorria mais sangue da testa, e sentiu que estava prestes a gritar. No entanto, inexplicavelmente, não emitiu nenhum som. *Por amor de Deus*, lembrava-se de pensar quando ele passara, *por favor continua. Faça o que fizeres, por favor não pares*.

Mas é claro que Deus não estava a ouvir. Porque é que Deus interviria para impedir que ela acabasse morta numa valeta, no meio do nada? É evidente que não interviria. Em vez disso, decidira fazer com que o tipo parasse, e agora um homem com o rosto desfigurado deslizava na sua direção como se tivesse saído de um filme de terror de baixo orçamento. Ou da prisão, de onde acabara de fugir, porque o tipo tinha os músculos muito definidos, e não era isso que os presos faziam? Não passavam a vida a levantar pesos? Tinha um corte de cabelo severo, de um estilo quase militar – a assinatura de um dos gangues de presos de que ouvira falar? A maltrapilha *T-shirt* preta de uma banda não ajudou, e as calças de ganga rasgadas ainda menos, e a forma como segurava o blusão apavorou-a. No meio desta tempestade, porque é que não o vestira? Talvez o usasse para esconder...

Uma *faca*.

Ou, queira Deus que não, uma *pistola*...

Um guincho escapou-lhe pela garganta e a sua mente fervilhava com opções enquanto decidia o que fazer. Atirar-lhe o pneu? Nem sequer conseguia tirar aquela porcaria do porta-bagagens. Gritar por socorro? Não havia ninguém por perto, não passara nenhum carro por ali nos últimos dez minutos e ela não fazia ideia de onde deixara o telemóvel, pois se soubesse não estaria a tentar mudar o pneu. Correr? Talvez, mas a leveza com que ele se movimentava

sugeria que a apanharia sem dificuldades. A única coisa que poderia fazer era voltar para o carro e trancar as portas, mas ele já estava *ali* e não conseguiria passar por ele...

– Precisa de ajuda?

Foi o som da voz que a fez sair do transe. Ela soltou o pneu e começou a recuar, concentrando-se apenas em criar distância entre os dois. Um relâmpago brilhou de novo e ela reparou na apatia da expressão do homem, quase como se faltasse alguma coisa fundamental na sua personalidade, a peça que dizia que não estava certo violar e matar mulheres.

– Que quer de mim? – conseguiu dizer por fim.

– Não quero nada – respondeu ele.

– Então o que faz aqui?

– Pensei que poderia precisar de ajuda para mudar o pneu.

– Estou bem – disse ela. – Consigo fazer isto sozinha.

O homem olhou para ela e para o pneu furado, e depois de novo para ela.

– OK. Boa noite – disse. Rodou sobre os calcanhares, começando a dirigir-se para o carro, e a sua figura recuou de repente. Aquela reação foi tão inesperada que durante alguns instantes Maria sentiu-se paralisada. Ele ia-se embora? Porque é que ele se ia embora? Estava contente com isso... na verdade, estava *encantada*... e no entanto, no entanto...

– Não estou a conseguir tirar o pneu do porta-bagagens! – disse, ouvindo o pânico na voz.

Ele virou-se quando chegou ao carro.

– Parece que não. – Estendeu a mão para a porta do carro e abriu-a, pronto para entrar...

– Espere! – gritou ela de repente.

Ele fitou-a de olhos semicerrados através da chuva.

– Porquê? – gritou.

Porquê? Não teve a certeza se o ouvira bem. Mas, afinal de contas, dissera-lhe que não precisava de ajuda. E não precisava, mas até precisava, só que não podia telefonar a ninguém, e, com os

pensamentos a mil e baralhados, as palavras seguintes saíram sem ela querer.

– Tem um telemóvel? – gritou.

Ele aproximou-se um pouco, parando quando conseguiu ser ouvido sem gritar, mas não chegou muito perto. Felizmente.

– Sim – respondeu.

Ela passou o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto pensava *E agora?*

– Perdi o meu telemóvel – disse. – Quero dizer, não o *perdi*.

– Sabia que estava a divagar, mas a forma como ele a olhava fez com que fosse impossível calar-se. – Está no escritório, ou deixei-o em casa dos meus pais, mas só vou saber quando tiver acesso ao meu *MacBook*.

– OK. – Ele não acrescentou mais nada; em vez disso, não se mexeu e os seus olhos não se despregaram dos dela.

– Eu uso aquela coisa de Encontrar o Meu Telefone. A aplicação, quero dizer. Consigo saber onde é que ele está porque está sincronizado com o computador.

– OK.

– Então?

– Então o quê?

– Pode emprestar-me o seu durante um instante? Quero telefonar à minha irmã.

– Claro – respondeu ele. Prendeu o aparelho nas pregas do blusão, e quando começou a aproximar-se, ela deu mais um passo atrás por reflexo. Ele pousou o blusão no capô do carro dela e apontou.

Maria hesitou. O homem era sem dúvida estranho, mas apreciou o facto de ele se ter afastado. Correu para o blusão e encontrou o *iPhone* no seu interior, o modelo igual ao dela. Quando premiu o botão, o ecrã iluminou-se e, como não podia deixar de ser, tinha rede. Mas não adiantaria nada a não ser que...

– Cinco-seis-oito-um – disse ele.

– Está a dar-me o seu código?

- Não vai conseguir aceder ao telefone sem ele.
- Não está preocupado por dar o código a uma desconhecida?
- Vai roubar o meu telemóvel?

Ela pestanejou.

- Não. Claro que não.
- Nesse caso, não estou preocupado.

Ela não soube o que dizer, mas não importava. Digitou o código com dedos trémulos e marcou o número da irmã. Ao terceiro toque, soube que iria parar à caixa de mensagens de Serena. Maria esforçou-se para esconder a frustração enquanto deixava uma mensagem a explicar o que acontecera ao carro e a pedir à irmã para a ir buscar. Depois enfiou o telemóvel no blusão que estava no capô e recuou, sempre a observá-lo.

- Não atendeu? – perguntou ele.

– Vem aí.

– OK. – Quando um relâmpago brilhou de novo, ele apontou para a traseira do carro. – Enquanto espera por ela, quer que lhe mude o pneu?

Ela abriu a boca para recusar de novo a oferta, mas quando é que Serena ouviria a mensagem? E se não ouvisse? E depois não podia esquecer que nunca mudara um pneu em toda a sua vida. Em vez de responder, expirou, tentando afastar o tremor da voz.

- Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Sim.

- O que... o que é que aconteceu à sua cara?

– Meti-me numa briga.

Ela esperou um pouco antes de acabar por perceber que ele não ia acrescentar mais nada. *É isso? Mais nada?* O comportamento daquele homem era tão completamente estranho que ela nem sabia o que pensar. Enquanto ele continuava parado, sem dúvida à espera da resposta à pergunta anterior, olhou para o porta-bagagens e desejou saber mudar um pneu.

– Sim – respondeu por fim. – Se não se importasse, adorava que me ajudasse a mudar o pneu.

– OK – disse ele, acenando com a cabeça. Maria viu-o pegar no blusão que estava em cima do capô e guardar o telemóvel no bolso antes de o vestir. – Tem medo de mim – disse.

– O quê?

– Tem medo que eu lhe faça mal. – Quando ela não respondeu, ele continuou. – Não lhe vou fazer mal, mas acredite no que quiser.

– Porque é que me está a dizer isto?

– Porque se vou mudar o pneu do seu carro, terei de me aproximar do porta-bagagens. O que significa que também me vou aproximar de si.

– Não tenho medo de si – mentiu ela.

– OK.

– Não tenho.

– OK – repetiu ele, e depois começou a aproximar-se. Ela sentiu um aperto no coração quando ele passou a pouca distância, mas sentiu-se parva quando ele passou sem abrandar. Ele desapertou alguma coisa, depois retirou o pneu sobressalente e pousou-o no chão antes de desaparecer de novo atrás do porta-bagagens, sem dúvida para ir buscar o macaco.

– Um de nós tem de trazer o carro para a estrada – disse ele. – Tem de estar nivelado antes de poder encaixar o macaco, senão o carro pode escorregar.

– Mas eu tenho um pneu em baixo.

Ele espreitou para o lado, com o macaco na mão.

– Não vai fazer mal ao carro. Avance devagar.

– Mas vai bloquear a maior parte da faixa.

– Já está a bloquear metade da faixa.

Ele tinha uma certa razão... mas...

E se tudo aquilo fizesse parte do seu plano? Para distraí-la de alguma forma? Para conseguir que ela virasse as costas?

Um plano que incluía deixar-me usar o seu telemóvel? E retirar o pneu do porta-bagagens?

Abalada e constrangida, entrou no carro e ligou o motor, recuando devagar mas com segurança para a estrada e acionando

o travão de mão. Quando abriu a porta, ele estava a rebolar o pneu sobressalente para a traseira do carro, com a chave de porcas na mão.

– Se quiser, pode ficar dentro do carro – disse ele. – Isto não deve demorar muito.

Ela hesitou antes de fechar a porta, e passou vários minutos a observar pelo espelho lateral enquanto ele continuava a desapertar os parafusos antes de colocar o macaco no seu lugar. Instantes depois, sentiu o carro subir um pouco, com alguns solavancos, e depois parar. Ficou a vê-lo acabar de desapertar os parafusos antes de retirar o pneu à medida que a tempestade se intensificava, com a chuva a cair em bátegas fustigadas pelo vento. O pneu sobressalente entrou depressa, e os parafusos também, e de repente o carro estava a ser baixado de novo. Ele guardou o pneu furado no porta-bagagens, juntamente com o macaco e a chave de porcas, e ela sentiu-o fechar o porta-bagagens com cuidado. E depois, sem mais nem menos, estava acabado. Ainda assim, estremeceu quando ele bateu na sua janela. Baixou o vidro e a chuva começou a entrar pela abertura. Com o rosto ainda escondido pelas sombras, era quase impossível ver para além das nódoas negras, do inchaço e do olho ensanguentado. Quase, mas não completamente.

– Está despachada – gritou ele no meio da tempestade –, mas é melhor mandar arranjar o pneu ou substituí-lo o mais depressa possível. O pneu sobressalente não é para ser usado permanentemente.

Ela acenou, mas antes de poder agradecer-lhe ele já se tinha virado e corria para o carro. Quando chegou, abriu a porta e sentou-se atrás do volante. Ela ouviu o rugido do motor e depois – num piscar de olhos – ficou de novo sozinha na estrada, mas agora num carro que a levaria para casa.



– Eu ouvi o telemóvel tocar, mas como não conhecia o número deixei que fosse para a caixa de mensagens – disse Serena entre

goles de sumo de laranja. Ao seu lado, na mesa do alpendre das traseiras, Maria segurava uma caneca de café na mão, e o sol da manhã já aquecia o ar. – Desculpa lá.

– Bem, da próxima vê se atendes, está bem?

– Não posso fazer isso. – Serena sorriu. – E se for algum louco a querer falar comigo?

– O problema era precisamente esse! Eu *estava* com um louco e precisava que fosses salvar-me.

– Não me parece nada disso. Ele parece ser um tipo simpático. Maria lançou-lhe um olhar furioso por cima da caneca de café.

– Tu não o viste. Acredita. Já vi pessoas assustadoras, e aquele tipo era mais do que assustador.

– Ele disse-te que tinha estado metido numa briga...

– E é precisamente isso. Ele é sem dúvida violento.

– Mas não foi nada violento contigo... tu disseste que no princípio ele nem sequer se aproximou de ti. E depois deixou-te usar o telemóvel dele. E depois disso mudou-te o pneu e depois entrou no carro dele e foi-se embora.

– Não estás a perceber.

– Não estou a perceber o quê? Que não devias julgar uma pessoa pelo seu aspeto exterior?

– Eu estou a falar a sério!

Serena riu-se.

– Uau, que sensível. E sabes que só estou a brincar contigo. Se tivesse estado no teu lugar, se calhar tinha feito chichi nas calças. Carro avariado, estrada deserta, sem telemóvel, sangue na cara de um desconhecido... é o pior pesadelo de qualquer miúda.

– É isso mesmo.

– Já sabes onde está o teu telemóvel?

– Está no escritório. Ainda deve estar em cima da minha secretária.

– Queres dizer que está lá desde sexta-feira? E só percebeste que não o tinhas no sábado à noite?

– E daí?

- Parece que não há muitas pessoas a telefonar-te, não é?
- Ha, ha.
- Serena abanou a cabeça e pegou no telemóvel.
- Eu não consigo viver sem o meu, só para que saibas. – Tirou uma fotografia a Maria.
- Para que é isso?
- Instagram.
- A sério?
- Serena já estava a escrever.
- Não te preocupes. Vai ser engraçado – acrescentou, antes de lhe mostrar a mensagem e a legenda. – Maria, depois de sobreviver ao Pesadelo na Rua Escura.
- Não vais postar isso, pois não?
- Já postei. – Serena piscou-lhe o olho.
- Tens de parar de fazer *posts* comigo. Estou a falar a sério. E se um dos meus clientes encontrar isso?
- Se isso acontecer, culpa-me a mim. – Ela encolheu os ombros.
- A propósito, onde está o pai?
- Ainda anda a passear a *Copo* – disse ela. *Copo* era uma cadela *shih tzu* quase toda branca. Depois de Serena se ter mudado para os dormitórios da faculdade, ela e Maria tinham voltado a casa para passar o Natal e descobriram que os pais tinham comprado um cão. Agora, *Copo* ia com eles praticamente para toda a parte: para o restaurante – onde tinha a sua cama no escritório –, para o supermercado e até para o contabilista. *Copo* era mais mimada do que elas tinham sido.
- Ainda não ultrapassei isso – balbuciou Serena. – Eles *amam* aquela cadela.
- Achas mesmo?
- Reparaste na coleira em *strass* que a mãe comprou? Eu quase me engasguei.
- Tens de ser simpática.
- Eu estou a ser simpática! – disse Serena. – Só nunca me tinha passado pela cabeça que eles comprassem um cão. Nunca tivemos

um quando éramos pequenas, e eu implorei-lhes durante anos. Até prometi tomar conta dele.

– Foi porque sabiam que não cumpririas o prometido.

– Posso não ter passado um ano à frente e entrado na universidade aos dezassete anos como tu, mas tenho a certeza de que conseguiria cuidar de um cão. E ficas a saber que me candidatei à Bolsa de Estudos Charles Alexander para o próximo ano.

– Mmm, pois sim. – Maria ergueu uma sobrancelha cética.

– Estou a falar a sério. É para mestrados em educação bilingue. Preenchi a candidatura, escrevi um ensaio, consegui recomendações de dois dos meus professores e tudo. É patrocinada por uma fundação privada e tenho uma entrevista com o presidente no próximo sábado. É isso. – Cruzou os braços.

– Uau. É fantástico.

– Mas não contes ao pai. Quero fazer-lhe uma surpresa.

– Ele vai ficar encantado se conseguires.

– Eu sei, não é? Pensa quantas mais coleiras eles vão poder comprar à *Copo* se não tiverem de pagar as minhas propinas.

Maria riu-se. No interior da casa, ouviam a mãe a cantarolar baixinho na cozinha e o cheiro de *huevos rancheros* passava pela janela aberta.

– Bom – continuou Serena –, voltemos à noite passada. Porque é que voltaste tão tarde para casa? Já passava muito da tua hora de dormir.

Maria fez cara feia para a irmã, antes de perceber que mais valia despachar logo o assunto.

– Na verdade, tive um encontro.

– A sério?

– Qual é o problema?

– Nenhum. Só pensei que tinhas decidido ficar solteira.

– Porque é que dizes isso?

– Está aí alguém? Esqueceste-te da pessoa com quem eu estava a falar?

– Eu saio.

– Podes fazer *paddleboard*, mas não sais à noite. Em vez disso, trabalhas. Lês. Vês programas de televisão foleiros. Já nem sequer vais dançar, e costumavas adorar. E tentei levar-te àquele armazém, lembra-te? O que tem bailes de salsa nas noites de sábado?

– Se bem me lembro, disseste que havia lá imensos tipos sinistros.

– Mas também me diverti imenso. E, ao contrário de ti, eu danço muito mal.

– Nem todos andamos na universidade, sabes, com aulas que começam ao meio-dia e as sextas-feiras livres. Algumas pessoas têm responsabilidades.

– Pois, pois, já ouvi essa conversa antes – disse Serena, acenando com a mão. – Calculo que não tiveste sorte?

Maria espreitou por cima do ombro para a porta parcialmente aberta, para se certificar de que a mãe não estava a ouvir.

Serena revirou os olhos.

– Tu és adulta, sabes? Já não tens de esconder a tua vida social da mãe e do pai.

– Sim, bem, nós sempre fomos um pouco diferentes nesse aspeto.

– O quê? Achas que lhes conto tudo?

– Espero que não.

Serena abafou uma gargalhada.

– Lamento que o teu encontro não tenha corrido bem.

– Como é que sabes? Talvez tenha.

– Não me parece – disse Serena, a abanar a cabeça. – Caso contrário, não terias voltado para casa sozinha.

Bolas, pensou Maria. Serena sempre pensara depressa, mas, mais do que isso, tinha um senso comum que por vezes lhe escapava.

– Olá? – acrescentou Serena. – Está alguém em casa? Eu estava a perguntar-te sobre o teu encontro.

– Não me parece que me vá telefonar.

Serena fingiu compaixão, se bem que o seu cinismo divertido fosse evidente.

– Porquê? Levaste o computador e passaste o tempo todo a trabalhar?

- Não. E não fui eu. Foi só... mau.
 - Fala comigo, mana mais velha. Conta-me tudo.
- Maria estudou o jardim das traseiras, concluindo que Serena era a única pessoa no mundo com quem podia falar a sério.
- No fundo, não há muito para contar. Para começar, eu nem sequer tencionava ter um encontro...
 - Não! Tu?
 - Queres ouvir a história ou não?
 - Desculpa. – Serena sorriu. – Continua.
 - Lembras-te da Jill, certo? A minha amiga do trabalho?
 - Superinteligente, quase com quarenta anos e mortinha por se casar, muito divertida? A que veio ao *brunch* e pegou na *Copo* e quase provocou um ataque cardíaco ao pai?
 - Sim.
 - Não, não me lembro dela.
 - *Seja como for* – disse Maria –, há alguns dias estávamos a almoçar e ela convenceu-me a ir jantar com ela e com o namorado, o Paul, depois de eu voltar da conferência. Mas, sem o meu conhecimento, também convidaram um dos colegas de trabalho do Paul e...
 - Espera, volta atrás. O tipo era giro?
 - Era sem dúvida giro. Mas o problema é que ele o sabia. Foi rude e arrogante e passou a noite inteira a atirar-se à empregada de mesa. Acho que até lhe pediu o número de telefone enquanto eu estava sentada ao seu lado.
 - Cheio de classe.
 - A Jill estava tão chocada como eu, mas o mais estranho é que acho que o Paul nem sequer reparou. Talvez fosse o vinho, mas não parava de dizer que devíamos ir todos a uma discoteca depois do jantar e que estava muito contente por nos estarmos a dar todos tão bem, que sabia que seríamos perfeitos um para o outro. O que é estranho, porque ele não costuma ser assim. Normalmente fica calado e eu e a Jill é que nos encarregamos da conversa.
 - Talvez ele goste do amigo. Ou talvez tenha pensado que tu e o amigo fariam bebês lindos e talvez dessem o seu nome a um deles.

Sem querer, Maria riu-se.

– Talvez. Mas, seja como for, acho que não sou o género dele. Tenho quase a certeza de que ele se sentiria mais à vontade com uma pessoa mais...

Quando Maria se calou, Serena concluiu.

– ...burra?

– Estava a pensar mais em loura, como a empregada de mesa.

– Sim, bem, só para que saibas foi sempre parte do teu problema no que diz respeito ao tipos. Tu és inteligente de mais e isso intimida-os um bocado.

– Nem todos. O Luis e eu estivemos juntos mais de dois anos.

– *Estiveram* juntos – disse Serena. – São as palavras que interessam. E queres saber a minha opinião? O Luis podia ser supersensual, mas era um falhado.

– Não era assim tão mau.

– Não comeces a ficar toda nostálgica, a pensar nas coisas boas que ele tinha. Nunca tiveste um futuro com ele, e sabes disso.

Maria acenou com a cabeça, sabendo que Serena tinha razão mas entregando-se durante breves instantes a um pouco de nostalgia antes de esquecer o assunto.

– Sim, pois, estamos sempre a aprender.

– Ainda bem que decidiste recomeçar a sair.

– Não decidi. A Jill e o Paul decidiram por mim.

– Como queiras. Tu tens de ser...

Enquanto Serena procurava as palavras certas, Maria sugeriu:

– Mais como tu?

– Porque não? Sair, aproveitar a vida, fazer amigos? É sempre melhor que trabalhar.

– Como é que sabes? Só trabalhas dois turnos por semana.

– Bem visto. Estou apenas a fazer uma suposição baseada na tua ausência de vida social.

– Acredites ou não, eu gosto mesmo de trabalhar.

– Não me vou esquecer de pôr isso na tua lápide – disse Serena.

– A propósito, como está a correr o emprego?

Maria mexeu-se na cadeira, a pensar em quanto devia dizer.

– Está bem.

– Acabaste de dizer que gostavas.

– E gosto, mas...

– Deixa-me adivinhar... a conferência, certo? Aquela a que foste com o teu patrão? – Quando Maria assentiu com a cabeça, Serena continuou. – Foi tão horrível como pensaste que seria?

– Não foi propriamente horrível, mas...

– Ele atirou-se a ti?

– Mais ou menos – admitiu Maria. – Mas não foi nada que eu não pudesse resolver.

– É o tipo que é casado? Com três filhos?

– Esse mesmo.

– Tens de lhe dizer para parar com isso. Ameaça-o com assédio sexual ou uma coisa do género.

– É mais complicado do que isso. Por enquanto, é capaz de ser melhor para mim ignorar o assunto. – Quando um pequeno sorriso começou a formar-se nos lábios de Serena, Maria continuou. – O que foi?

– Só estava a pensar que tu tens pontaria para os homens. O teu antigo namorado traiu-te, o último tipo com quem saíste mete-se com outras tipas e, entretanto, o teu patrão não para de se atirar a ti.

– Bem-vinda ao meu mundo.

– Claro que nem tudo é mau. Ontem à noite conhecestes um tipo simpático. O género de homem que ajuda uma mulher em apuros, apesar de uma violenta tempestade...

Quando Maria fez cara feia, Serena riu-se e continuou.

– Quem me dera ter visto a tua cara.

– Não estava bonita.

– E no entanto aqui estás tu, sã e salva – lembrou-a Serena. – E eu estou feliz com isso, quanto mais não seja para poderes ir tendo acesso à minha sabedoria.

– Tu precisas mesmo de resolver os teus problemas de autoestima – disse Maria, irritada.

– Preciso, não preciso? Mas agora a sério, fico muito contente que tenhas voltado para a cidade. Estes *brunches* seriam um tédio se não viesses. Contigo aqui, a mãe e o pai têm mais alguém com quem se preocupar.

– Ainda bem que te posso ajudar.

– Agradeço. E, além disso, temos uma oportunidade para nos conhecermos melhor.

– Conhecemo-nos desde sempre.

– Tu foste para a universidade quando eu tinha dez anos.

– E vinha a casa quase todos os fins de semana, e passei todas as férias aqui.

– É verdade. Eras mesmo palerma. Nos primeiros dois anos, tinhas tantas saudades de casa que passavas o fim de semana inteiro a chorar.

– Foi difícil estar tão longe de casa.

– Porque é que pensas que ando na universidade aqui? Nesse aspeto, sou quase tão inteligente como tu.

– Tu és inteligente. Talvez recebas uma bolsa de estudo, lembra-te?

– Não sou tão inteligente como tu. Mas não faz mal. No fim, vai ser muito mais fácil encontrar um homem... não que eu esteja interessada em coisas sérias. Mas escuta, se quiseres, não me importo de estar atenta para ti. Estou sempre a conhecer tipos novos.

– Miúdos que andam na universidade?

– Alguns podem gostar de mulheres mais velhas.

– És louca.

– Não sei. Costumo ter muito bom gosto.

– Estás a referir-te ao Steve?

– Andamos apenas a sair um com o outro. Ainda não é nada sério. Mas ele parece simpático. Até é voluntário na Humane Society e ajuda nas adoções de animais aos domingos.

– Gostas dele?

– Como assim... *gostar* gostar? Ou só gostar?

– O quê? Andamos outra vez no liceu?

Serena riu-se.

– Ainda não sei bem o que sinto. Mas é bem giro, o que me dá mais tempo para descobrir.

– Quando é que o vou conhecer?

– Bem... deixa ver onde é que isto vai parar. Se o conheceres, a mãe e o pai também o vão querer conhecer, e depois perco o controlo da situação. Aconteça o que acontecer depois disso, ele vai achar que eu penso que é sério e, ao contrário de ti, somos demasiado jovens para assentar.

– Eu também ainda não quero assentar.

– Talvez. Mas não há dúvida de que precisas de um namorado.

– Queres fazer o favor de parar com isso?

– Tudo bem, eu paro. Não precisas de um namorado. Do que precisas é de sexo.

Quando Maria não se deu ao trabalho de responder, Serena riu-se.

– Toquei num ponto sensível, certo? – disse num tom brincalhão. – Tudo bem, esquece. Que vais fazer hoje? Vais fazer *paddle-surf* outra vez?

– Estava a pensar nisso.

– Sozinha?

– A não ser que queiras tentar mais uma vez.

– Nem pensar. Continuo sem perceber porque é que gostas tanto. Não é como dançar. É uma seca.

– É um bom exercício. E é tranquilo.

– Não foi o que eu acabei de dizer? – perguntou Serena.

Maria sorriu.

– E tu? Quais são os teus planos?

– Vou dormir uma grande sesta. E depois disso logo vejo.

– Espero que encontres alguma coisa para fazer. Detestaria que perdesse uma noite louca de domingo numa república qualquer.

– Ora, ora... o ciúme é uma coisa horrível – disse Serena. Virou o polegar para as janelas. – Até que enfim que o pai voltou. Estou esfomeada. Vamos comer.



Mais tarde, enquanto Serena, sem dúvida, dormiria profundamente, Maria foi fazer *paddleboard* em Masonboro Sound, um lugar que era desde há muito tempo o seu poiso preferido para passar as tardes de fim de semana. Masonboro era a maior ilha barreira ao longo da costa sul do estado e, embora por vezes fosse para o lado atlântico da ilha, preferia quase sempre as águas cristalinas do pântano. Como sempre, a vida selvagem era espetacular. Na primeira hora na água, vira águias-pesqueiras, pelicanos e garças, e estava convencida de que tirara algumas fotografias bastante boas. No seu aniversário, em junho, oferecera a si mesma uma máquina fotográfica à prova de água de elevada qualidade e, embora tivesse sido um esforço financeiro que estava a pagar com o cartão de crédito, ainda não se arrependera. Apesar de não terem qualidade para a *National Geographic*, algumas das suas fotografias eram suficientemente boas para serem penduradas na parede do apartamento, o que era uma opção de decoração prudente, já que também mal podia pagar o apartamento.

Mas ali era-lhe fácil pensar nestas coisas sem se preocupar necessariamente com elas. Muito embora só tivesse começado a fazer *paddleboard* desde que voltara para Wilmington, o desporto tinha o mesmo efeito nela que a dança tivera em tempos. Já estava numa fase em que era fácil manter o equilíbrio, e o ritmo constante do remo fazia com que o stress desaparecesse. Regra geral, poucos minutos depois de entrar na água ficava com a sensação de que tudo estava bem no mundo. Era uma sensação quente e relaxante que começava no pescoço e ombros antes de passar para o resto do corpo, e quando estava no duche depois de voltar para casa sentia-se pronta para enfrentar mais uma semana no escritório. Serena estava enganada em relação ao *paddleboard*. Não era uma seca; neste momento, precisava dele para a sua saúde mental e tinha de admitir que também não era mau para o corpo. No último ano, tonificara partes do corpo que nem imaginara poderem ser tonificadas, e tivera

de mandar alterar os fatos porque tinham ficado demasiado largos na cintura e no traseiro.

Não que isso importasse. Serena podia estar enganada relativamente ao *paddleboard*, mas tinha razão em relação ao azar de Maria na vida amorosa, a começar por Luis. Fora o primeiro homem de quem ela gostara a sério, o primeiro que amara verdadeiramente. Tinham sido amigos durante um ano antes de, por fim, começarem a namorar, e à primeira vista tinham muitas coisas em comum. Como ela, Luis era filho de imigrantes mexicanos e pretendia ser advogado; como ela, gostava de dançar, e, ao fim de dois anos juntos, começara a ser fácil para Maria imaginar um futuro com ele. Por outro lado, Luis deixou claro que estava bem a namorar – e a dormir com Maria – desde ela não esperasse mais do que isso. O simples facto de se falar em casamento assustava-o, e, apesar de ela ter começado por tentar convencer-se de que não importava, no fundo isso não era verdade.

Ainda assim, o rompimento fora uma surpresa; uma noite, ele telefonara e dissera-lhe que estava tudo acabado. Ela tentara reconfortar-se com o facto de que queriam coisas diferentes na vida e que Luis não estava pronto para o tipo de compromisso que ela sabia que queria. Mas depois, passado pouco mais de um ano, pouco depois de ela fazer o exame da Ordem, soubera que ele estava noivo. Tinha passado as seis semanas seguintes na mais profunda desolação, a tentar perceber porque é que a outra rapariga era suficientemente boa para se casar com Luis quando ele nem sequer era capaz de falar sobre o assunto consigo. O que fizera de mal? Fora demasiado insistente? Demasiado aborrecida? Ou demasiado... outra coisa qualquer? Por muito que pensasse, não fazia ideia. Claro que toda a experiência teria sido mais fácil se ela tivesse conhecido outra pessoa depois de Luis, mas a cada ano que passava dava por si a perguntar a si própria com mais frequência para onde teriam ido todos os homens bons. Ou se tal coisa ainda existia. Onde estavam os homens que não esperavam que se dormisse com eles depois de um ou dois encontros? Ou homens que acreditavam que pagar

a conta num primeiro encontro era um gesto elegante? Ou até um homem com um emprego decente e planos para o futuro? Depois de ela e Luis se separarem, só Deus sabe como ela tentara mostrar-se disponível. Apesar das muitas horas que passava a estudar na faculdade de Direito e, mais tarde, a trabalhar em Charlotte, saía com amigos ao fim de semana, mas alguém minimamente decente a convidara para sair?

Parou de remar durante breves instantes, deixando a prancha deslizar enquanto se endireitava para esticar as costas. Bem, na verdade talvez o tivessem feito, pensou. Mas naquela altura a primeira coisa em que reparava era na aparência e recordava-se de dizer que não a alguns tipos que não eram muito bonitos. E talvez tivesse sido esse o problema. Talvez tivesse recusado o Sr. Certo porque ele não era suficientemente alto ou por outro motivo qualquer, e agora – porque ele era o Sr. Certo – já estava comprometido. Nos últimos tempos, parecia que os Srs. Certos desapareciam a uma velocidade assustadora, talvez porque eram tão raros como os condores da Califórnia.

A maior parte do tempo, não a incomodava. Era diferente da mãe, que acreditava que uma mulher se definia pelo seu estado civil. Ela tinha uma vida independente, podia fazer o que lhe apeteceia e, embora não tivesse ninguém para tomar conta dela, também não tinha de tomar conta de mais ninguém. Todavia, nos últimos dois anos – quando começara a aproximar-se a pouco e pouco dos trinta –, havia momentos em que pensava que talvez fosse bom ter alguém com quem ir dançar ou que a acompanhasse quando fazia *paddleboard*, ou até alguém disposto a escutar as suas queixas depois de um dia mau no trabalho. Se tivesse um grande círculo de amizades, como Serena, talvez esse vazio fosse preenchido, mas a maioria dos amigos de Maria vivia nas zonas de Raleigh ou Charlotte, e para estar com eles era quase sempre preciso fazer uma viagem de carro e dormir no sofá de alguém. Para além da família imediata e outros parentes, Jill e alguns outros colegas de trabalho – e, sim, Paul, apesar da outra noite –, as únicas

pessoas que conhecia eram aquelas com quem tinha andado no liceu, mas tinham-se afastado porque ela passara anos fora. Ainda pensara em reatar essas amizades, mas quando saía do emprego só lhe apetecia descontraír na banheira com um copo de vinho e um bom livro. Ou, quando se sentia cheia de energia, só queria ir para a água com a prancha de *paddleboard*. Até as amizades requeriam energia, e nos últimos tempos não tinha energia suficiente para tudo. Muito embora isso significasse que a sua vida não era muito interessante, também tinha a discreta previsibilidade de que ela precisava. O seu último ano em Charlotte fora traumático, e...

Abanou a cabeça, tentando obrigar a recordação daquele último ano a desaparecer. Respirou fundo e disse a si mesma para se concentrar no lado positivo, como aprendera a fazer. Havia muitas coisas boas na sua vida. Tinha a família, uma casa e um emprego de que gostava...

Tens a certeza disso?, perguntou de repente a vozinha dentro de si. *Porque sabes que não é propriamente verdade.*

Tinha começado bastante bem, mas não era sempre assim? A Martenson, Hertzberg & Holdman era uma firma de tamanho médio e ela trabalhava acima de tudo para o advogado principal, Barney Holdman, em trabalhos de defesa de seguros. Barney tinha sessenta e poucos anos e era a galinha dos ovos de ouro da empresa, um génio legal que usava fatos de *seersucker* e falava com um sotaque lento e arrastado, vindo das montanhas da Carolina do Norte. A impressão que transmitia tanto a clientes como jurados era a de um avôzinho simpático, mas sob a superfície era extremamente agressivo, preparado para tudo e exigente com os sócios. Ao trabalhar para ele, Maria tinha o privilégio do tempo, conhecimentos e dinheiro para preparar os seus casos, um ambiente bem diferente do trabalho como assistente do promotor de justiça.

Jill foi um bónus. Sendo a única mulher no escritório para além das secretárias e auxiliares jurídicas, que tinham as suas cliques, Jill e Maria tinham-se dado bem desde o primeiro momento, embora trabalhassem em departamentos diferentes. Almoçavam

juntas três ou quatro vezes por semana e Jill passava muitas vezes pelo escritório de Maria apenas para conversarem alguns minutos. Era perspicaz e fazia Maria rir, mas em termos profissionais era incisiva, e era uma das grandes mais-valias da firma. Era um mistério ainda não ter sido nomeada como sócia. Por vezes, Maria perguntava a si mesma se Jill ficaria muito tempo na firma, embora a amiga nunca tivesse abordado diretamente o assunto.

O verdadeiro problema era Ken Martenson, o sócio-gerente da firma, que parecia contratar as auxiliares jurídicas com base na beleza física e não nas qualificações, e passava demasiado tempo a rondar as suas secretárias. Aquela parte não incomodava necessariamente Maria, e também não a incomodava ver Ken a confraternizar com as auxiliares jurídicas de uma forma que por vezes parecia tudo menos profissional. Jill falara-lhe sobre a reputação de Ken durante a sua primeira semana na firma, acima de tudo no seu interesse por auxiliares jurídicas atraentes, mas Maria não dera importância ao assunto. Isto é, até Ken começar a interessar-se por si. Não foi um desenvolvimento favorável, e nos últimos tempos a situação estava a complicar-se ainda mais. Uma coisa era tentar evitar Ken no escritório, onde havia sempre outras pessoas por perto, mas a conferência em Winston-Salem onde tinham estado na semana anterior aumentara os seus receios de que as coisas pudessem piorar. Embora Ken não tivesse ido ao ponto de a acompanhar até à porta do quarto – graças a Deus –, *pressionara-a* para jantarem juntos nas duas noites. E depois? Viera com a treta de *a minha mulher não me dá valor* e não parava de lhe perguntar se queria mais um copo de vinho, embora ela mal tivesse tocado no primeiro. Falara sobre a sua casa de praia e como era tranquila e relaxante e comentara mais de uma vez que estava quase sempre vazia. Se ela quisesse usá-la, bastava pedir. E será que já lhe dissera como era raro trabalhar com alguém que era ao mesmo tempo inteligente e bonita?

Será que o homem poderia ter sido mais óbvio? Não obstante, quando insinuara o que queria, ela fizera-se de burra e desviara

a conversa para os assuntos debatidos na conferência. E acabara por resultar, mas não estava a mentir a Serena quando lhe dissera que era complicado. Por vezes, gostaria que, antes de se ter inscrito no curso de Direito, alguém lhe tivesse dito que ser advogada não lhe dava a garantia de emprego que ela sempre imaginara. Nos últimos anos, firmas de todos os tamanhos estavam a reduzir pessoal, os ordenados estavam a descer e, nesse momento, havia demasiados advogados a tentar ocupar muito poucas vagas. Depois de sair do gabinete do promotor de justiça, demorara quase cinco meses a encontrar este emprego e, tanto quanto sabia, nenhuma das outras firmas estava a contratar. Se murmurasse sequer as palavras *assédio sexual* ou aludisse de uma forma vaga a intentar uma ação, o mais certo seria nunca mais arranjar um emprego em todo o estado. Não havia nada que os advogados mais detestassem que outros advogados que poderiam processá-los.

Por enquanto, estava encurralada. Conseguira sobreviver à conferência, mas jurara que não voltaria a colocar-se naquele tipo de situação. Evitaria a sala de convívio e seria um pouco mais cautelosa em relação a trabalhar até tarde, sobretudo quando soubesse que Ken estaria no escritório. Por enquanto, não podia fazer mais nada a não ser rezar para que ele se interessasse por uma das auxiliares jurídicas.

Era mais um exemplo das formas como a vida se revelara mais difícil do que ela imaginara que seria. Quando começara a trabalhar no seu primeiro emprego a sério, era idealista; a vida parecia uma aventura. Acreditava piamente que tinha um papel importante na manutenção da segurança nas ruas e em dar às vítimas uma forma de procurarem justiça e compensação. Porém, à medida que o tempo foi passando, começou a ficar cansada de todo o processo. Tornou-se evidente que muitas vezes até os criminosos perigosos ficavam em liberdade, que as engrenagens do sistema eram impossivelmente lentas e que a quantidade de processos era interminável. Agora, vivia de novo na cidade onde crescera e praticava um tipo de Direito muito diferente de quando era assistente do

promotor de justiça. Apesar de ter a certeza de que as coisas melhorariam assim que se instalasse, fora percebendo a pouco e pouco que o *stress* profissional tinha apenas diferentes sabores, e que este não era muito melhor que o anterior.

Ficara surpreendida, mas, afinal de contas, quase tudo a surpreendera nos últimos sete anos. O mundo podia vê-la como uma jovem profissional, proprietária de uma casa, mas havia momentos em que sentia que era tudo falso. Parte dessa sensação era financeira – depois de pagar as contas no fim do mês ficava com menos dinheiro para gastar do que nos seus tempos de adolescente –, mas a outra parte residia no facto de a maioria das suas amigas da universidade já estarem casadas, algumas até já com filhos. Quando falava com elas, quase todas pareciam muitíssimo satisfeitas, como se as suas vidas estivessem a acontecer exatamente como haviam planeado, enquanto ela, por outro lado, tinha um patrão tarado sexual, um apartamento que quase não conseguia pagar e uma irmã mais nova que parecia mais sensata e mais descontraída do que ela. Se isto era a vida adulta, por que motivo tivera tanta pressa para crescer?

Durante a hora seguinte remou sem parar e a prancha deslizou enquanto ela se esforçava para apreciar o que a rodeava. Reparou nas nuvens que se moviam devagar e nas árvores refletidas na água. Concentrou-se no cheiro fresco e salgado da brisa e saboreou o calor do sol nos braços e nos ombros. De vez em quando, tirava uma fotografia, incluindo uma boa de uma águia-pesqueira a segurar um peixe nas garras enquanto subia da água. Tinha demasiadas sombras no visor e estava um pouco longe de mais, mas com algum trabalho de Photoshop poderia valer a pena guardá-la.

Quando, por fim, voltou para casa, tomou um duche, serviu-se de um copo de vinho e sentou-se numa cadeira de baloiço que colocara num canto do pequeno alpendre das traseiras. Observou as pessoas que andavam por Market Street e perguntou a si mesma como seriam as suas vidas. Gostava de inventar histórias sobre elas – *Aquela deve ter vindo de Nova Iorque para visitar a cidade* ou *Aposto que aquela mãe vai levar os filhos a comer um gelado*. Era um

inofensivo e relaxante ponto alto de um fim de semana que tivera a sua dose de altos e baixos.

Como o pneu furado. E lembrou-se de que teria de sair no dia seguinte para o mandar arranjar. Mas quando? Sabia que enquanto estava ausente do escritório, a participar na conferência, Barney enchera a sua caixa de mensagens com trabalho. Também tinham duas reuniões importantes à tarde, o que não lhe ia facilitar a vida. E também não fazia a menor ideia de qual seria o passo seguinte de Ken.

A sensação de pavor intensificou-se na manhã seguinte, quando viu Ken a falar com Barney no seu gabinete enquanto ela conversava com Lynn, a voluptuosa mas nada eficiente auxiliar jurídica destacada para a equipa de Barney. Ken e Barney falavam muitas vezes antes da reunião de segunda-feira, mas o que não foi nada normal foi o facto de Ken se limitar a acenar-lhe sem sorrir e continuar a avançar pelo corredor depois de sair do gabinete do sócio. De certa forma, ficou aliviada com a brevidade do encontro, mas ao mesmo tempo o súbito profissionalismo gélido fê-la ter um mau pressentimento, porque significava com toda a certeza que estava zangado com ela.

Alguns minutos depois, claramente mortificada, Jill espreitou por detrás da porta do seu gabinete para pedir desculpa pelo jantar. Falaram durante alguns minutos – Jill estaria fora da cidade até ao fim da semana, ocupada com depoimentos – e Maria contou-lhe a história que contara a Serena sobre o pneu furado e o desconhecido que a ajudara, o que só fez Jill sentir-se ainda pior.

Assim que Jill saiu, Maria começou a telefonar para oficinas, na tentativa de descobrir um sítio para trocar o pneu depois do trabalho, mas depressa descobriu que todas estariam fechadas quando ela chegasse. A sua única opção seria tentar resolver o assunto durante a hora do almoço. Foram precisas seis tentativas para conseguir fazer uma marcação para o meio-dia e meia hora – o que lhe deixava muito pouco tempo para a primeira reunião com um cliente à uma e meia. Avisou Barney de que poderia atrasar-se

um pouco. Ele franziu o sobrolho, mas pediu-lhe que tentasse despachar-se, pois a sua presença era importante. Saiu do escritório ao meio-dia e um quarto e esperou que os mecânicos pudessem começar logo.

Mas não começaram logo. Nem sequer começaram à hora marcada. Acabou por passar a hora seguinte à espera, alternando entre pânico e uma fúria crescente, telefonando várias vezes para a secretária de Barney, para a auxiliar jurídica e também para o telemóvel do patrão. Já passava das duas horas quando o carro ficou pronto, e voltou a grande velocidade para o escritório. Quando chegou à sala de reuniões, a reunião já decorria há quase quarenta e cinco minutos. Um olhar gélido de Barney vincou o seu desagrado e ele convidou-a a entrar na sala no seu tom lento e descontraído.

Depois da reunião, Maria pediu-lhe imensa desculpa. Ele estava claramente irado e não se via qualquer vestígio do simpático avô a que os clientes estavam acostumados. As coisas mantiveram-se tensas entre os dois durante o resto da tarde. No dia seguinte não foi melhor, e Maria concentrou-se em várias tarefas que tinha em mãos, pondo-se a par das questões que deixara de parte enquanto estivera na conferência e preparando os documentos de que sabia que Barney precisaria para um julgamento na semana seguinte. Na segunda e na terça-feira trabalhou até depois da meia-noite, e, com Jill fora do escritório, trabalhou à hora do almoço durante a semana inteira, encomendando refeições para comer à secretária enquanto trabalhava em diversas questões. Aparentemente, Barney não reparou ou não se importou, e só na quinta-feira é que o seu comportamento gélido começou a derreter.

No entanto, ao fim da tarde – quando terminava uma conversa com Barney no seu gabinete sobre um pedido de indemnização que suspeitavam ser fraudulento –, ouviu uma voz atrás de si. Levantou a cabeça e viu Ken parado à porta.

– Desculpem – disse ele, dirigindo-se aos dois, mas concentrando-se acima de tudo em Barney. – Não te importas que fale com a Maria durante um momento?

– Claro que não – disse Barney no seu tom lento e arrastado. Acenou para Maria. – Liga-lhes e avisa-os que temos de marcar uma videoconferência para amanhã.

– Com certeza. Depois digo-te a resposta deles – disse Maria. Sentiu Ken a olhá-la, sentiu tensão no peito quando se voltou para olhar para ele. Nessa altura, Ken já se tinha virado para sair e, sem uma palavra, seguiu-o pelo corredor e pela zona de receção. Os seus pés arrastaram-se quando percebeu que ele se dirigia para o gabinete. Quando se aproximaram, a secretária dele desviou o olhar.

Ken abriu a porta para ela entrar e em seguida fechou-a. Muito profissional, foi para trás da secretária e convidou-a com um gesto a sentar-se na cadeira à sua frente. Olhou pela janela antes de, por fim, se virar para a encarar.

– O Barney mencionou que faltaste a uma reunião com um cliente importante na segunda-feira.

– Não faltei. Cheguei atrasada...

– Não te chamei aqui para discutir os pormenores – disse ele, interrompendo-a. – Queres explicar-me o que aconteceu?

Apanhada desprevenida, Maria gaguejou um patético relato das suas tentativas de encontrar uma oficina, bem como os acontecimentos que se seguiram.

Quando terminou, ele não falou logo.

– Compreendes o que fazemos aqui, certo? E o motivo pelo qual foste contratada? Os nossos clientes esperam um certo nível de profissionalismo.

– Sim, claro que sim. E sei que os nossos clientes são importantes.

– Sabias que o Barney estava a pensar dar-te a oportunidade de seres a advogada principal neste caso? E que a desperdiçaste porque sentiste a necessidade urgente e desesperada de mudar o pneu do carro durante o horário de expediente?

Maria ruborizou-se, com os pensamentos a mil ao ouvir esta novidade.

– Não, ele não mencionou isso – disse, de uma forma precipitada. – E, como disse, queria tratar do assunto depois do trabalho, mas todas as oficinas já estariam fechadas. Eu estava convencida de que chegaria a tempo. Sabia que havia um risco, mas...

– Um risco que não te importaste nada de correr – observou ele, interrompendo-a mais uma vez.

Ela abriu a boca para responder, mas já tinha percebido que nada que dissesse o apaziguaria. No silêncio, Maria sentiu um nó formar-se no seu estômago quando ele se sentou por fim à secretária.

– Devo dizer que estou muito desapontado com a tua decisão – disse ele, parecendo controlado. – Corremos o risco de te contratar porque eu, entre outros, te apoiei. Como sabes, as tuas funções no gabinete do promotor de justiça eram pouco relevantes para o nosso trabalho. Mas eu pensei que tinhas potencial. Agora, não sei o que pensar, nem se tomei a decisão errada.

– Lamento imenso. Não voltará a acontecer.

– Espero bem que não. Para o teu bem, não para o meu.

O nó no seu estômago aumentou ainda mais.

– O que posso fazer para remediar a situação?

– Por enquanto, nada. Vou falar com o Barney para saber o que ele pensa e depois comunico-te o que decidirmos.

– Devo telefonar aos clientes? Talvez tentar desculpar-me?

– Acho que por enquanto não deves fazer nada. Já te disse que o Barney e eu vamos discutir o assunto. Mas se alguma coisa deste género voltar a acontecer... – Ele inclinou-se para a frente, acendendo o candeeiro da secretária.

– Não vai voltar a acontecer – sussurrou ela, ainda a tentar recompor-se. Barney estava a pensar torná-la advogada principal? Porque é que não lhe dissera nada? Naquele instante, o telefone da secretária tocou e Ken atendeu. Depois de anunciar o seu nome, acenou antes de tapar o bocal.

– Tenho de atender este telefonema. Terminamos a conversa noutra altura.

O seu tom não deixou qualquer dúvida de que *falariam de novo* e Maria levantou-se da sua cadeira, humilhada e em pânico. Com os pensamentos em grande desordem, saiu a cambalear do gabinete de Ken. Passou pela secretária dele e ficou contente quando ela a ignorou. Quando chegou ao seu gabinete, fechou a porta e passou em revista toda a conversa. Involuntariamente, perguntou a si própria quanto tempo mais conseguiria continuar a trabalhar ali. Ou se teria sequer essa oportunidade.